

A INTENSIFICAÇÃO DE BASES ADJETIVAS EM *CAMPO GERAL*

Carlos Alberto Gonçalves Lopes (UNEB)

Inúmeros são os processos empregados pelo emissor para expressar a emoção ou atuar sobre o receptor. A escolha que se faz dentre as várias opções cabíveis é o que vai determinar o estilo do autor, da personagem e até mesmo o estilo de época, em se tratando de uma obra literária.

Aqui importa-nos fazer uma aplicação da teoria relativa aos processos intensificacionais da linguagem, no romance *Campo Geral*, com o objetivo específico de mostrar como os intensificadores servem para colocar em relevo a subjetividade, os estados emocionais e a própria cosmovisão das personagens, participantes que são da trama novelesca.

Pela necessidade de se limitar o campo de observação, nos deteremos a apreciar apenas a intensificação de bases adjetivas, verificando não só como ela se processa mas também como se constrói a isotopia intensiva.

Começando pelas LEXIAS SIMPLES, constatamos de pronto o fato de ser através delas que preponderantemente se opera a intensificação, ao mesmo tempo em que respondem pela formação de uma rede isotópica da qual se destaca a lexia simples ENORME, pela significativa frequência da mesma:

— “Ele salvou a vida de todos!” —; dormia no pé da porta do quarto, uma noite latiu acordando o mundo, uma cobra **enorme** tinha entrado, uma urutu, o pai matou. (p. 13)

“— Vem, Miguilim, ajudar a tacar pedra: os meninos acharam um sapo **enorme!**” — o Patori gritando já vinha. (p. 25)

Buscavam os inhames na horta, Mãitina cavacava com o enxadão, eram uns inhames **enormes**. (p. 49)

Veio seo Brízido Boi, que era padrinho do Tomezinho: um homem **enorme**, com as botas sujas de barro seco, ele chorava junto, aos arrancos, dizia que não podia ver ninguém sofrer. (p. 76)

Para uma melhor compreensão da recorrência da lexia simples ENORME é necessário dizer que tal lexia aparece num contexto narrativo em que é bastante elevado o emprego não só dos adjetivos GRANDE e PEQUENO quanto também de substantivos graduados. Aliás, o próprio título da obra (*Manuelzão e Miguilim*) na qual está inserido o romance

Campo Geral, nos remete cataforicamente para um tipo de intensificação que não deixa de estar a serviço da expressão de uma cosmovisão infantil.

De fato, a perspectiva infantil é diferente da perspectiva do adulto. Uma cobra **enorme** (= *muito grande*) pode não ser, aos nossos olhos, tão grande assim.

Para a criança, no mundo que a circunda, os seres e os fenômenos adquirem proporções descomunais. Dessa forma, a intensificação está aqui a serviço da expressão emotiva do sentimento infantil, das impressões que os seres e os fenômenos provocam em sua alma.

Numa elevada frequência aparecem também as lexias simples FORTE e GROSSO:

Como é que ela podia mandar Tio Terêz embora, quando vinha aquela chuvada **forte**, a gente já pressentia até o derradeiro ameaço dela entrando no cheiro do ar?! (p. 16)

Tinha dado o vento, caíram uns pingos **grossos**, chuva quente. (p.17)

No primeiro caso, percebe-se que **chuvada forte** é uma chuvada *muito intensa*, principalmente pelo fato de tal expressão estar antecedida do intensificador **aquela**, que serve para aumentar ainda mais a noção de intensidade da chuva.

Quanto a **pingos grossos**, a idéia expressa aqui é a de *pingos muito grandes*.

Como se pode constatar, em todas as lexias simples anteriormente referidas, há implícito um intensificador que corresponde ao metatermo MUITO.

Por outro lado, em relação às lexias FORTE e GROSSO, convém observar que elas servem muitas vezes como caracterizadoras ambientais, fato esse que se evidencia na consubstanciação de uma isotopia intensiva que expressa muito bem o caráter rude e áspero da natureza sertaneja.

Outras lexias simples aparecem esporadicamente. Dentre elas, destacamos as seguintes:

“Os meninos necessitam de saber, valença de rezar junto. Inocência deles é que pode livrar a gente de **brabos** castigos, o pecado já firmou aqui no meio, braseado, você mesma é quem sabe, minha filha!...” (p. 21)

Um homem grosso e baixo, debaixo de um feixe de capim, sapé? — homem de cara enorme demais, sem pescoço, roxo **escuro** e de olhos-brancos... (p. 56)

Correu outra vez, nem soluçava mais, só sem querer dava aqueles suspiros **fundos**. (p. 77)

“(…) Podia até vir mais amiúde, por uma prosa, servo do senhor, sem **grave** pecado de incomodar...” (p. 25)

Mas sua mãe, que era **linda** e com cabelos pretos e compridos, se doía de tristeza de ter de viver ali. (p. 5)

Alguém podia matar alguém, sair briga **medonha**. Vovó Izidra tinha agourado aquelas coisas, ajoelhada diante do oratório — do demônio, de Caim e Abel, de sangue de homem derramado. (p.49)

O relar da folha de enxada, nas pedrinhas, aqueles bichos **miúdos** pulando do capim, a gente avançando sempre, os pés pisando no matinho cortado. (p. 95)

Sol a sol — de tardinha voltavam, o corpo de Miguilim doía, todo moído, **torrado**. (p. 83)

(...) — nem deu tempo para idéia nenhuma, era só um errado **total** (...)

As lexias simples assinaladas têm o intensificador implícito na base, o que é próprio da intensificação semântico-lexical. Portanto, **brabos castigos** são castigos *muito rigorosos*, **roxo escuro** é um roxo¹ *muito forte*, **suspiros fundos** são suspiros *muito intensos*, **grave pecado** é um pecado *muito sério*, **mãe linda** é uma mãe *muito bela*, **briga medonha** é uma briga *muito feia*, **bichos miúdos** são bichos *muito pequenos*, **corpo torrado** é um corpo *muito queimado* e **errado total** é algo *completamente errado*.

Ainda dentre as lexias simples, encontramos no *corpus* aquelas que a gramática tradicional denomina *comparativo de superioridade anômalo*:

Dáí deu trovão **maior**, que assustava. (p. 18)

O Dito era a pessoa **melhor**. (p. 14)

O Dito, **menor**, muito mais menino, e sabia em adiantado as coisas, com uma certeza, descarecia de perguntar. (p. 60)

Conforme já esclarecemos, o intensificador está implícito na base. Dessa forma, **trovão maior** pode ser entendido como um trovão *mais forte*; **pessoa melhor**, como uma pessoa *mais boa*; e **menor**, referindo-se ao Dito, como alguém *mais pequeno*.

Prosseguindo a nossa análise, façamos agora uma apreciação da intensificação que se obtém com as LEXIAS COMPLEXAS, dentre as quais se destacam as metáforas intensivas por consequência. Estas, por sua vez, se subdividem em três grupos, isto é, no grupo das lexias complexas constituídas por **adjetivo + adjetivo** (1º), no grupo das lexias complexas constituídas por **adjetivo + preposição + adjetivo** (2º), e no grupo das

¹ O termo *roxo*, aqui, reporta-se à cor (preta) do personagem mencionado pelo Autor.

lexias complexas constituídas por **adjetivo + preposição + substantivo abstrato** (3º):

1º) Ela era **riscada magra**, e seca, não parava nunca de zangar com todos, por conta de tudo. (p. 12)

2º) O dia estava **bruto de quente** (...). (p. 13)

O tesoureiro era um pássaro **imponente de bonito** (...). (p. 14)

Seo Deográcias ria com os dentes **desarranjados de fechados**. (p. 26)

Seo Aristeu entrava, alto, alegre, alto, falando alto, era um homem grande, **desusado de bonito** (...). (p. 43)

Pai é homem **jagunço de mau**. (p. 90)

E o sol batia nas flores e no garrote que estava **amarelo de alumiado**. (p. 92)

O Dito dizia que o certo era a gente estar sempre **brabo de alegre**, alegre por dentro (...). (p. 100)

3º) Drelina era **bonita de bondade**. (p. 43)

Percebe-se nos exemplos acima a presença implícita de uma frase consecutiva. Tanto é assim que a frase *Pai é homem jagunço de mau* pode ser parafraseada por *Pai é jagunço de tão mau que ele é*, apesar de se admitir também uma segunda leitura, correspondente à de uma frase comparativa, isto é, *Pai é homem mau como um jagunço*, de menor força expressiva.

Construções desse tipo se sobressaem em importância estilística pela raridade de emprego, em confronto com o uso freqüente das frases consecutivas explícitas.

No único exemplo do primeiro grupo, nota-se a elipse da preposição *de*, criando-se assim uma construção insólita em que dois determinantes não só se reportam para um mesmo determinado (**riscada magra**) como também aparecem justapostos, o que resulta num maior impacto expressivo e intensivo.

Dentre os exemplos do segundo grupo, merece destaque o último, constituído por um oxímoro (**brabo de alegre**) que contribui mais ainda para aumentar a carga intensiva da expressão.

Já quanto ao único exemplo do terceiro grupo, a raridade está no emprego do substantivo abstrato no lugar do adjetivo em *Drelina era bonita de bondade*, que admite a seguinte paráfrase: *Por ser tão bondosa, Drelina era bonita*.

Os símiles intensivos, outro tipo de lexia complexa, são bastante escassos no texto. Eles se destacam, contudo, por transmitirem o pensamento com bastante vigor e vivacidade:

“— Ara, qual, qual, seo Nhô Berno Cássio, eu estou **pobre como agüinha em fundo de canoa...**” (p. 25)

Tio Terêz saía de suas árvores, **ousoso macio como uma onça**, vinha para cima de Miguilim. (p. 57)

Drelina, **branca como pedra de sal**, vinha saindo: — “Miguilim, o Ditinho morreu...” (p. 77)

Merece destaque o símile da página cinqüenta e sete pela construção originalíssima através da qual há superposição de dois processos intensificadores, a metáfora intensiva (**ousoso macio como uma onça**), sendo que a primeira construção, típica do estilo de Guimarães Rosa, consiste em se compor um adjetivo (ousoso macio) a partir de dois outros: **ousoso** (= com bastante coragem) + **macio** (= suave, desapercivelmente) que, nesse exemplo, se sobressai em expressividade pela natureza antitética dos seus constituintes.

Ainda, dentre as lexias complexas, o texto objeto de nossa apreciação nos oferece pouquíssimas metáforas intensivas por complementação:

O Dito dizia que o certo era a gente estar sempre brabo de alegre, alegre por dentro, mesmo com tudo de ruim que acontecesse, **alegre nas profundas**. (p. 100)

Vejamos agora os intensificadores constituídos por GRAMEMAS PRESOS encontrados no *corpus*, começando pelos prefixos:

Era ele quem precisava de guardá-las, decoradas, **ressofridas** (...). (p. 80)

E o perdigueiro Rio-Belo, que **tresdoidado** tinha morrido, de comer algum bicho venenoso. (p. 10)

Mãitina era preta de um preto estúrdio, encalcado, **trasmanchada** de mais grosso preto, um preto de boi. (p. 20)

O gato chegava por si, **sobremacio**, tripetrepe, naquela regra. (p. 40)

Quando a gente voltou, se tomou café, nem ninguém não precisou de fazer café forte demais e amargoso, só Pai e Vovó Izidra é que bebiam daquele café **desgostável**. (p. 67)

A rosa também era branca, mas era gorda e **meia-velha**, não namorava com ninguém. (p. 70)

Como se pode notar, os prefixos encontrados foram RE-, TRES-, TRANS-, SOBRE- e DES- (negativo), todos eles amplificadores.

Quanto ao elemento mórfico MEIO-, apesar de não ser propriamente um prefixo, o incluímos aqui por funcionar como tal, sendo por isso mesmo

um prefixóide. Ele, ao contrário dos demais prefixos anteriormente citados, é um atenuador.

Percebe-se, quanto ao emprego dos prefixos, muita criatividade, o que se constitui numa característica estilística do autor. Tal emprego, muitas vezes, resulta numa força intensiva maior em virtude do estranhamento resultante, como é o caso de **trasmanchada** (p. 20), que pode ser traduzido por *bastante manchada*, com a idéia de profundidade correspondente à de uma mancha que atravessa a pele, a carne.

Todavia, dentre os gramemas presos, merece destaque especial, pela sua alta freqüência, o intensificador constituído pelo sufixo diminutivo -INH (O), com as suas variantes -IM e -IN (O):

Mas carecia de ficar **sozinho** com o Dito. (p. 60)

Devia de ter o companheiro, marido ou mulher, ou irmão, que agora esperava lá na beira do mato, onde eles moravam, **sozim**. (p. 15)

A Chica era tão **engraçadinha**, clara, **mariolinha**, muito menor do que Drelina, (...). (p. 14)

O Patori tocava berimbau, um berimbau de fibra de buriti, tocava com o dedo, era bonito, **tristinho**. (p. 84)

Mas, então, **probrezinhos** de todos, queriam deixar o leite dela ir judiado derramando no caminho, nas pedras, nas poeiras? (p. 8)

Tinha saudade do tempo-de-frio, quando a água é **friinha**, boa. (p. 97)

Beiravam as veredas, **verdinhas**, o buritizal brilhante. (p. 97)

Era o besourinho bonito, **pingadinho** de vermelho. (p. 83)

Olha, Miguilim, bezerro da Brinda é **danadinho**, tudo quanto há ele come! (p. 91)

Faz mal não, Miguilim, mesmo **ceguinha** mesmo, ela há de me reconhecer..." (p. 76).

As perdizes estão **assustadinhas**, estão crescendo por demais... (p. 74)

"Dito, as três perdizinhas são **diabinhas!** (...)" (p. 74)

Mãe trouxe a mula de cristal, **branquinho**, aplicou no lugar, aquela friura **lisinha** do cristal cercava a dor para sarar, não deixava inchaço; mas Miguilim gemia e estava com raiva até dele mesmo. (p. 68)

O Dito, que era o irmãozinho **corajosinho** destemido, ele ia arenegar? (p. 28)

Estava rezando, endereçado **baixinho** para Deus dificultar d'ele morrer. (p. 28)

Todos discorriam para ir ver, até Vovó Izidra concordava de apreciar o olho-de-boi, que era só um **reduzidinho** retalho de arco-da-velha, leviano airoso. (p. 27)

“— A bala eu chupei, estava **azedinha** gostosa...” (p. 25)

O gaturamo, tão podido miúdo, **azulzinho** no sol. (...). (p. 18)

Por conta que, Tomezinho, quando era mais **pequenino**, a gente ensinava para ele falar: g’a-to — mas a linguinha dele só dava capaz era para aquilo mesmo: qùó! (p. 17)

“Apruma mesmo **durim**, Miguilim, a dança hoje é das valsas...” (p. 44)

E o gaturamo, que era de todos o mais **menorzim**, e que escolhia o espaço de água mais clara: a figurinha dele, reproduzida no argume, como que ele muito namorava. (p. 31)

Observando os exemplos citados, verificamos que, preso a uma base adjetiva, o sufixo - INHO e suas variantes podem funcionar como amplificadores de uma qualidade, como é o caso de **verdinha** (= muito verde) e **branquinho** (= muito branco) anteriormente citados; como um atenuador de natureza afetiva, conforme encontramos em **ceguinha** (p. 76), se considerarmos nesse caso o fato de o sufixo traduzir uma noção de carinho que contribui para reduzir a forte carga depreciativa da base (cega); ou como nem uma coisa nem outra mas com um valor de *completamente*, como está em **sozinho** (p. 60) e **sozim** (p. 15), apesar de reconhecermos haver em **sozinho** tendência para uma lexicalização.

Dentre as variantes de -INHO, só encontramos três ocorrências em -IM, que são **durim** (p. 44), **menorzim** (p. 31) e **sozim** (p. 60), cujo emprego resulta num impacto expressivo maior, exatamente por ser incomum, restrito apenas à língua coloquial de certas regiões².

Além do sufixo -INHO e suas variantes, o *corpus* registra o sufixo -OTE, com valor aproximativo, e -ITO combinado com -INHO, resultando tal combinação numa redundância enfática de real valor expressivo:

Tão **grandotes**, tão espertos — e estavam assim só para morrer, o povo ia acabar com todos? (p. 15)

No castigo, em tamborete, ele não chorava, daí deixava de pirraçar: mais de repente virava sisudo, casmurro — tão **pequetitinho** assim, e assombrava a gente com uma cara sensata de criminoso. (p. 51)

Por atingir o elevado número de sessenta ocorrências, a frequência dos sufixos diminutivos (modificadores de bases adjetivas) é alta, se comparada com a dos outros intensificadores encontrados. Todavia, a

² No *corpus*, maior é a ocorrência do sufixo diminutivo -INHO quando modifica bases substantivas. O mesmo podemos dizer em relação à variante -IM, conforme constatamos em **pelourim** (p. 15), **lugarim** (p. 28), **demonim** (p. 53), **barbim** (p. 56) e **beijim** (p. 67), dentre outros.

recorrência deles no texto tem o mérito de estabelecer uma isotopia intensiva que vai servir para a expressão do extravassamento das emoções. O mesmo se pode dizer dos sufixos aumentativos encontrados, todos eles traduzindo uma intensificação amplificadora bem próxima do superlativo; se não, vejamos:

A noite, de si, recebia mais, formava **escurão** feito. (p. 54)

Mas o Grivo não era **pidão**. (p. 62)

Ele só fugiu quando escudou barulho de vir chegando na tulha aquele menino **dentuço**, o Majéla, filho de seo Deográcias, mas que todos chamavam de o Patori. (p. 24)

Aqueles dentes **dentuços!** (p. 25)

Comentando os sufixos aumentativos, temos em **escurão** (p. 54) e **dentuço** (p. 24), respectivamente, uma base adjetiva e uma base substantiva, resultando a intensificação delas numa noção correspondente a *bastante escuro* e a *dentes em demasia*. Todavia, em **pidão** (p. 62), temos uma base verbal, resultando a intensificação dela numa noção correspondente a *aquela que sempre pede e/ou aquele que pede muito*. Trata-se, nesse último caso, de uma forma pejorativa que expressa cumulativamente um **agente** e um **aumento**, razão pela qual lhe caberia muito bem a designação *agente aumentivo* para a qual, segundo ROSA (1982, p. 23), faltaria a nomenclatura oposta *agente diminutivo*, por não haver diminutivos correspondentes para tais formas, ao contrário dos demais aumentativos, salvo nos casos em que a formação global deixar de ser interpretada como aumentativo, a exemplo de *Esse menino é um pidãozinho*, sinônimo de *Esse menininho é um pidão*, citado por ela.

Dentre os sufixos presos, resta ainda fazer referência aos sufixos superlativos por natureza, cuja frequência é relativamente baixa.

Apreciaremos inicialmente o sufixo -UDO que, em número de ocorrências, quase empata com o sufixo -OSO:

Quando estava **pinguda** de muita cachaça, soflagrava umas palavras que a gente não tinha licença de ouvir, a Rosa dizia que eram nomes de menino não saber, coisas pra mais tarde. (p. 20)

O cachorro Gigão caminhava para a cozinha, devagaroso, **cabeçudo**, ele tinha sempre a cara fechada, era todo grosso. (p. 12)

Aí, ele enxergava, sentado no barranco, homenzinho velho, barbim em queixo, **peludo**, **barrigudo**, mais tinha um chapéu-de-couro grande na cabeça, homem esse assoviava. (p. 56)

Mas isso não era coisa nova por si, sempre abelha ou avessa ferroavam algum, e a lagarta tatarana **cabeluda**, que queimava a gente, tatarana-rata, até

em galhos de árvores, e toda-a-vida a gente caía, relava os joelhos, escalavrava, dava topada em pedra ou em toco. (p. 68)

Tinha a lagoa, de água num prato-fundo, com os patinhos e peixes, o urso-branco, (...), a foquinha **bicuda**. (p. 78)

E o Titônio Engole, **papudo**. (p. 78)

Os exemplos assinalados (pingada, cabeçudo, peludo, barrigudo, cabeludo e bicuda) são todos constituídos de uma **base substantiva + -UDO** em que o sufixo traduz uma noção de intensidade. Portanto, **pinguda** é uma qualidade atribuída a alguém que bebeu muita cachaça; **cabeçudo** é um atributo que se dá a um ser que tem a cabeça muito grande, e assim por diante.

Quanto ao sufixo -OSO, aparece ora preso a uma base adjetiva (amargoso, feioso) ora preso a uma base substantiva (chuvoso, olhoso, trevoso), em cima das quais opera como intensificador:

Quando a gente voltou, se tomou café, nem ninguém não precisou de fazer café forte demais e **amargoso**, só Pai e Vovó Izidra é que bebiam daquele café desgostável. (p. 67)

— Tio Terêz, o senhor acha que o Mutúm é lugar bonito ou **feioso**? (p. 7)

Queixava-se, principalmente nos demorados meses **chuvosos**, quando carregava o tempo, tudo tão sozinho, tão escuro, o ar ali era mais escuro; (...). (p. 5)

Miguilim esfregava um pé no outro, estava comichando: outro bicho-de-pé; quando crescia e embugalhava, ficava **olhoso**, a mãe tirava, com alfinete. (p. 13)

A ver, os meninos todos queriam ir lá, no acrescente, Maitina agachada, remexendo o tacho; num canto Maitina dormia, ainda era mais **trevoso**. (p.32)

Resta agora apreciarmos o sufixo -ELO, que aparece apenas em **branquelo** como um intensificador da base adjetiva (branco):

O vaqueiro Jé era branco, sardal, **branquelo**. (p. 70).

Como se pode constatar, dentre os sufixos superlativos por natureza o *corpus* registra apenas os sufixos -OSO, -UDO e -ELO, de emprego corrente na modalidade coloquial da língua, que evita o erudito sufixo -ÍSSIMO.

Ainda a respeito dos sufixos citados, cabe observar que, apesar de comumente poderem ser substituídos pelo metatermo MUITO, expressando uma noção de abundância, podem também indicar uma intensidade aproximativa, como ocorre em **feioso** (p. 7), ou então uma pejoratividade,

como encontramos no último exemplo transcrito (**branquelo**) e em exemplos com o sufixo -UDO (**barrigudo, papudo**). Outrossim, chamamos atenção para o neologismo **olhoso** (p. 13) por ser portador de um sufixo que aparece aqui acumulando a dupla função de operador da intensidade e de operador da translação de um substantivo (*olho*) em adjetivo (*olhoso*).

Em síntese, podemos dizer que nas frases destacadas a recorrência dos intensificadores prefixais e sufixais serve para colocar em relevo a subjetividade do emissor, isto é, os seus estados emotivos.

Isso acontece mediante uma rede isotópica intensiva cujo delineamento vai sendo percebido na medida em que se vai acompanhando o desenvolvimento da narrativa.

Passemos agora a tratar dos intensificadores constituídos pelos GRAMEMAS LIVRES, os quais, depois das lexias simples, são os intensificadores mais numerosos no texto estudado.

Em nossa pesquisa fichamos aproximadamente cento e vinte gramemas livres do tipo intensificadores por natureza, dentre os quais, para não sermos repetitivos, transcreveremos a seguir um exemplo de cada variedade na ordem em que aparecem na escala gradativa básica, isto é, indo do mais alto até o mais baixo grau:

De madrugada, todo mundo acordou **cedo demais**, a Maria Pretinha tinha fugido. (p. 70)

Todo o mundo conhecia que ele estava **muito doente**, de certo conversavam. (p. 29)

O Dito, menor, **muito mais menino**, e sabia em adiantado as coisas, com uma certeza, descarecia de perguntar. (p. 60)

A **febre** era **mais muita**, testa do Dito quente que pelava. (p. 74)

E era até bom, outro homem de respeito, **mais garantido**. (p.61)

Miguilim era **tão pequeno**, com poucas semanas se consolava. (p. 11)

Você vai, Miguilim, você leva, entrega isto aqui à Mãe, **bem escondido**, você agarante?! (p. 48)

O Dito montava no Papavento, que era baio-amarelo, cor de terra de ivitinga; Miguilim montava no Preto, que era **preto mesmo**, mas Mãe queria mudar o nome dele para Diamante. (p. 50)

Esse menino o Grivo era **pouquinho maior** que Miguilim, e **meio estranhado**, porque era pobre, muito pobre, quase que nem não tinha roupa, de tão remendada que estava. (p. 62)

Depois, cada dia ele punha os Três Reis **mais adiantados um pouco**, no caminho da Lapinha, todo dia eles estavam **um tanto mais perto** — no Dia de Reis eles todos três chegavam... (p. 75)

Todo mundo era **meio um pouco bobo**. (p. 100)

Entretanto, a mata, ali perto, **quase preta**, verde-escura, punha-lhe medo. (p. 6)

Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d'Água e de outras veredas sem nome ou **pouco conhecidas**, em ponto remoto, no Mutúm. (p. 5)

Mas, daí, rodeando como quem não quer, o gato Sossõe principiava a se esfregar em Miguilim, depois deitava perto, se prazia de ser, com aquela ronqueirinha que era a alegria dele, e olhava, olhava, engrossava o ronco, os olhos de um verde **tão menos vazio** — era uma luz dentro de outra, dentro doutra, dentro outra, até não ter fim. (p. 24)

Conforme evidenciam os trechos citados, os intensificadores constituídos por gramemas livres que aparecem no *corpus* são DEMAIS, MUITO, MAIS, TÃO, BEM, MESMO, MEIO, UM TANTO, UM POUCO, POUQUINHO, QUASE, POUCO e MENOS, admitindo-se algumas combinações tais como MUITO MAIS, MESMO QUASE e TÃO MENOS.

Tais intensificadores respondem por uma isotopia intensiva que percorre todo o texto com a missão precípua de retratar toda uma cosmovisão infantil, de expressar os sentimentos humanos.

Quanto aos intensificadores MAIS e MENOS, adotamos a posição de MALHEIROS-POULET (1983, p. 179), segundo a qual “sont des compratifs de *muito* e *pouco* et même si cela n’apparaît explicitement, ils marquent toujours une comparaison implicite”.

Entendemos que, nos casos anteriormente citados, MAIS, apesar de corresponder a MUITO, possui uma carga intensiva, e até mesmo afetiva, maior, o que de certa forma explica a sua alta frequência na língua oral e familiar, conforme constatamos com os seguintes exemplos: *Que coisa mais bonita!* *Que sujeito mais antipático!*

O intensificador TÃO é outro gramema livre que merece ser comentado pela sua alta frequência no português coloquial. Para OLIVEIRA (1962, p. 39), TÃO, assim como MAIS, são equivalentes, funcionalmente falando, ao MUITO das frases assertivas.

Alguns intensificadores citados aparecem, redundantemente, ao lado de outros intensificadores, a exemplo de *A febre era mais muita* (p. 74), para traduzir a idéia de que a febre era altíssima, e de *meio um pouco bobo* (p. 100); ou então reforçados por um intensificador de grau mais elevado, como vimos em *um tanto mais perto* (p. 75) e *tão menos vazio* (p. 24). Em ambos os casos, tanto a redundância quanto o reforço resultam num efeito estilístico ímpar, o que determina o destaque ou a ênfase da base intensificada.

Os gramemas livres vistos anteriormente são todos advérbios intensivos. Além deles há no *corpus* os pronomes indefinidos que funcionam como intensificadores por transferência de sentido:

Sol a sol — de tardinha voltavam, o corpo de Miguilim doía, **todo moído**, torrado. (p. 83)

Era a primeira vez que a mãe falava com ele um assunto **todo sério**. (p. 6)

Reportando-nos agora para os GRAMEMAS SUPRA-SEGMENTAIS como intensificadores, notamos que eles raramente aparecem sós. O mais comum é virem combinados com outros intensificadores.

A título de exemplificação, transcrevemos do *corpus* os seguintes gramemas supra-segmentais:

Como era bonito o pobrezinho do meu filhinho... (p. 80)

Tudo tão caprichado lindo! (p. 31)

Observamos, aqui, uma diferença de entonação em que, no primeiro caso, ela é suspensiva; enquanto, no segundo, é ascendente exclamativa terminal.

Quanto às CONSTRUÇÕES SINTAMGÁTICAS ENFÁTICAS que funcionam como intensificadores, o texto pesquisado oferece exemplos delas por inversão e por repetição:

“Como **o pobre do meu filhinho** era bonito...” (p. 77)

Mãitina esbarrava, pegava própria terra do chão com os dedos do pé dela, falava coisas **demais de séria**. (p. 49)

Gigão — **o maior, maior**, todo preto: (...). (p. 10)

Não se entendia bem a reza que ela produzia, tudo resmungo; mesmo para falar, **direito, direito** não se compreendia. (p. 20)

Miguilim desentendia de tudo, **tonto, tonto**. (p. 76)

Quem sabe, quem sabe, melhor ficasse **sozinho** — **sozinho** longe deles parecia estar mais perto de todos de uma vez (...). (p. 43)

Trastempo, o bruto vai ficando **mole, mole**... (p. 70)

E com aquele calor a gente necessitava de beber água toda hora, a água da lata era **quente, quente**, não matava direito a sede. (p. 83)

Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre **alegre, alegre**, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. (p. 77)

Miguilim não tinha medo, mas medo **nenhum, nenhum**, não devia de. (p. 47)

(...) nem não se carecia de prato nenhum, nem travessa, **nenhuma** vasilha **nenhuma** — (...). (p. 46)

Que, se rezasse, sem esbarrar, o tempo **todo, todo** tempo, não ouvia nada do que Tio Terêz falasse (...). (p. 57)

Seo Aristeu entrava, **alto**, alegre, **alto**, falando alto, (...). (p. 43)

Merecem destaque, pelo elevado grau de expressividade, o exemplo da página quarenta e seis, constituído pelo emprego não usual do substantivo duplamente envolvido pelo pronome (**nenhuma** vasilha **nenhuma**); o da página cinquenta e sete, contendo uma intensificação reforçada por um quiasmo (o tempo **todo, todo** tempo); e o da página quarenta e três, constituído por uma repetição não-contígua intervalada em que a pausa funciona como um reforçador (**alto**, alegre, **alto**).

Além dos exemplos vistos anteriormente, inserimos aqui a seqüência enfática de adjetivos sinônimos (justo direito) e de adjetivos que, justapostos, sugerem uma fusão da qualidade expressa por ambos (dura entortada, podido miúdo, macio manso). Tais sintagmas expressam a intensificação mediante o estranhamento resultante da associação insólita e/ou mediante a reiteração sêmica:

“Nem Deus não pode achar isto **justo direito**, de adoecer meus filhinhos todos um depois do outro, parece que é a gente só quem tem de purgar padecer!” (p. 96)

Aí, começava a chover, chuva **dura entortada**, de chicote. (p. 61)

O gaturamo, tão **podido miúdo**, azulzinho no sol, tirintintim, com brilhamentos, mel de melhor — maquinazinha de ser de bem-cantar... (p. 18)

Pois porque tudo tinha tornado a se desvirar do avesso, de repente, Maitina estava pondo ele no colo, **macio manso**, e fazendo carinhos, falando carinhos, ele nem esperava por isso, isso nem antes nem depois nunca não tinha acontecido. (p. 32)

Para encerrar o nosso estudo acerca da intensificação de bases adjetivas em *Campo Geral*, vejamos agora os INTENSIFICADORES POR RELAÇÃO encontrados no romance supracitado, os quais aparecem numa freqüência baixíssima, se comparados com a alta freqüência dos intensificadores por extensão apreciados anteriormente.

No levantamento feito encontramos, predominantemente, a presença de FRASES COMPARATIVAS DE SUPERIORIDADE (PARCIAL ou TOTAL) e de FRASES COMPARATIVAS DE IGUALDADE:

O tesoureiro era um pássaro imponente de bonito, pedrês cor-de-cinza, bem as duas penas compridas da cauda, **pássaro com mais rompante do que os outros**. (p. 14)

A Chica era tão engraçadinha, clara, mariolinha, **muito menor do que Drelinha**, (...). (p. 14)

Soluçava de engasgar, **sentia as lágrimas quentes, maiores do que os olhos.** (p. 77)

Lobo uivava feio, **mais horroroso mais triste** do que cachorro. (p. 22)

“Eu acho que **ele é melhor do que nós...** (...)” (p. 76)

Mas, agora, de repente achava que, se sozinho, então — por certo encoberto modo — aí era que **ele era mais sabido de todos**, mais exagerado e medido. (p. 39)

Uma hora ele falou com o Dito — que **Mãe às vezes era a pessoa mais linda de todas.** (p. 65)

“Dito, **a gente vai ser sempre amigos, os mais de todos**, você quer?” (p. 69)

O que ele tinha pensado, agora, era que **devia copiar de ser igual como o Dito.** (p. 82)

Cansado e **como que assustado.** Sufocado. (p. 79)

Constatamos também aqui o predomínio da amplificação, por razões já apontadas alhures.

No último exemplo, merece destaque a frase comparativa de igualdade com conotação aproximativa: *Cansado e como que assustado.* Para MARTINS (1967, p. 193) tais frases indicam “uma semelhança vaga, imprecisa, uma aproximação da idéia que se quer dar”.

Quanto aos intensificadores constituídos por FRASES CONSECUTIVAS, a pouca freqüência deles no *corpus* confirma a tendência de se evitar frases complexas, o que é típico do português coloquial. Outrossim, parece haver uma preferência pela elipse de elementos da frase consecutiva, tais como o intensificador e o conectivo:

Mas **o buriti era tão exato de bonito!** (p. 67)

Dava vergonha no coração da gente o que o pai assim falava. **Que de pobres iam morrer de fome** — não podia vender as filhas e os filhos... (p. 37)

Ficava de cócoras, queria conversar com o Pai, e **dava pena, de tão destruído arruinado que estava.** (p. 84)

O ódio de Miguilim foi tanto, que ele mesmo não sabia o que era, quando pulou no Liovaldo. (p. 89)

A febre era mais alta, **testa do Dito quente que pelava.** (p. 74)

Esse menino o Grivo era pouquinho maior que Miguilim, e meio estranhado, porque era pobre, muito pobre, **quase que nem não tinha roupa, de tão remendada que estava.** (p. 62)

Tão grave, grande, que nem o quis dizer à mãe na presença dos outros, mas insofria por ter de esperar; e, assim que pôde estar com ela só, abraçou-se a seu pescoço e contou-lhe estremecido, aquela revelação. (p. 6)

No primeiro exemplo da relação merece destaque o termo **exato** (valorativo) que aparece em *exato de bonito*, conotando perfeição, completude.

Concluindo, transcrevemos abaixo o único intensificador constituído por uma FRASE PROPORCIONAL que encontramos:

Ele está cada dia mais magrinho... (p. 12)

Pelo exposto, podemos dizer que no texto objeto de nossa análise os procedimentos de intensificação encontrados são constituídos, sobretudo, por lexias simples e por gramemas (presos e livres).

Tal fato pode ser explicado se considerarmos que o texto estudado constitui uma recriação estética da língua falada no sertão mineiro em que se dá preferência pelos mecanismos simples de expressão em prejuízo dos mecanismos mais complexos e engenhosamente elaborados.

Outrossim, há uma tendência para a amplificação das noções, de acordo com a perspectiva infantil segundo a qual as coisas são quase sempre vistas como maiores do que realmente são, estando a isotopia intensiva resultante da recorrência dos intensificadores a serviço não só dessa cosmovisão como também do extravassamento das emoções.

Isso tudo nos leva a afirmar que o emprego do intensificador no discurso (seja ele oral ou escrito) não é gratuito, não visa apenas servir como ornamento das idéias que se quer transmitir; mas, muito pelo contrário, manifestar uma intenção persuasiva que só a exegese textual pode revelar.

Em *Campo Geral*, podemos adiantar, a intensificação desempenha também o papel de mecanismo revelador do estilo, levando-se em conta a sua natureza enfática e/ou acentuadamente expressiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. **A intensificação no português: o intensificador e sua expressão.** Dissertação de mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1992.

MALHEIROS-POULET, Maria Eugênia. **Les expressions d'intensité en portugais du Brésil: étude sémantico-syntaxique.** These de doctorat. Paris, EHESS, 1983.

OLIVEIRA, Maria Manuela Moreno de. **Processos de intensificação no português contemporâneo**. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1962.

ROSA, João Guimarães. *Campo Geral*. In: _____. **Manuelzão e Miguilim** (Corpo de Baile). 7. ed. Rio de Janeiro, 1977.

ROSA, Maria Carlota Amaral Paixão. **Formação de nomes aumentativos: estudo da produtividade de alguns sufixos portugueses**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1982.